

Conte algo que não sei

'O que transforma a sociedade é a confiança'

Nilton Bonder, rabino

Escritor e dramaturgo lançou um livro em que debate a radicalização e a polaridade que as redes sociais acentuam

MARCOS RAMOS



“Sou rabino e escritor. Comecei a escrever ‘Alma & política - Um regime para seu partidarismo’ antes do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Faço uma leitura quase espiritual de como somos todos seres políticos.”

SÉRGIO GARCIA
sgarcia@edglobo.com.br

● **Conte algo que não sei.**

Nós temos pouca compreensão da nossa parcialidade constante na vida. Em meu último livro, faço uma leitura quase espiritual de como somos todos seres políticos. Tento fazer uma apresentação poética do biotipo de alma. Colado nessa ideia da biotopia sanguínea, que é uma marca de cada um de nós, acabamos também, na nossa formação intelectual e psicológica, formando um partidarismo que é uma espécie de padrão. Todos nós viramos de esquerda, direita, republicano, democrata. O livro convida a todos a se desqualificarem como seres parciais.

● **O eleitor está cada vez mais parecido com o torcedor de futebol?**

Exatamente. Vamos acirrando polaridades, fomentando essa alma que cada um de nós tem, essa bandeira que assumimos, e as coisas vão ficando mais extremadas.

● **As redes sociais serviram para acentuar a polaridade radical ou elas apenas espelham esse sentimento?**

Elas catalisam isso. Quanto mais polarização, mais nos fechamos e vamos nos juntando ao nosso time contra os adversários. Somos tragados por essa grande massa em guerra. Daí, ouvimos pouco o outro e perdemos a qualidade do diálogo e da diplomacia, colocando a sociedade num lugar negativo, em que não funcionamos mais juntos. Temos problemas muito graves que devem ser tratados com inteligência, sabedoria e participação. Democracia é saber equilibrar ideias da maneira mais serena possível.

● **Nós regredimos, então?**

Houve uma regressão. O fim da Guerra Fria construiu um sonho de mundo de paz, mas hoje estamos num processo involutivo, com as pessoas assustadas e propensas a brigar.

É interessante o papel que desempenham as novas mídias sociais. Elas liberaram essa parcialidade que a gente estava aprendendo a domar. Quando escrevemos nas redes sociais, parece que estamos sozinhos. A solidão propicia a sensação que você está pensando, e não agindo com alguém. Na verdade, você está num processo de diálogo e ação, pois está liberando publicamente uma opinião, o que pode ter consequências. No momento em que ofendo ou ataco alguém, isso deixa de ser um pensamento e vira uma ação. Outra coisa que acontece é que as pessoas buscam quem pensa igual a elas, o que fomenta a polarização. Você acaba confinado em espaços virtuais em que ninguém diverge.

● **Em tese, as mídias sociais deveriam acentuar a pluralidade. Em que ponto a receita desandou?**

Se vamos aprender a lidar com esse instrumento, sabendo a etiqueta necessária para não se expor e ser correto, sem descambar para a violência, é uma boa pergunta. Mas num primeiro instante, ainda mais quando essa mídia contém temas políticos, o padrão é este: alguém fala alguma coisa e recebe um retorno negativo. En-

tão, para se proteger, procura um espaço em que todos falam a mesma língua. Quando digo que as pessoas são de direita ou esquerda, não é no sentido estritamente ideológico. O padrão pode se locomover devido às propagandas ou às notícias, sejam elas verdadeiras ou falsas. No Brasil, ainda vemos uma quantidade grande de cidadãos querendo medidas de exceção. Aqui temos esse padrão conservador que se impõe a outras leituras.

● **O senhor acredita no acirramento dessa polarização?**

Para encontrar o equilíbrio, as pessoas precisam se colocar num lugar menos partidário. Achávamos que um governo ou as leis poderiam resolver os problemas, mas o que transforma a sociedade é a confiança. Há uma dimensão que chamo de espiritual e evolutiva convidando as pessoas ao equilíbrio. É necessário evocar nossa capacidade de ouvir o outro. O estado democrático tem que absorver as diversidades. Os países que tentaram se fechar ficaram empobrecidos. Precisamos fazer uma leitura civilizatória nas mídias sociais e na hora de votar. Temos que ser protagonistas ativos da construção da nossa história e do nosso futuro.